

Para mostrar que o sincrônico e o diacrônico são, simultaneamente, autônomos e interdependentes, pode-se pensar na projeção de um corpo sobre um plano. Com efeito, toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, sendo uma coisa à parte. Sem isso, não haveria toda uma ciência das projeções, bastando considerar os corpos em si mesmos. Em Linguística, existe a mesma relação entre a realidade histórica e um estado de língua, que é como a sua projeção em um momento dado. Não é estudando os corpos, isto é, os acontecimentos diacrônicos, que se conhecerão os estados sincrônicos, e, do mesmo modo, não se terá noção das projeções geométricas por ter-se estudado, ainda que de muito perto, as diversas espécies de corpos.

F. de Saussure. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 103 (com adaptações).

Considerando que o trecho acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto acerca do seguinte tema.

A DICOTOMIA SAUSSUREANA SINCRONIA E DIACRONIA

Ao elaborar seu texto, faça, necessariamente, o que se pede a seguir e responda às perguntas do terceiro quesito.

- Aponte a diferença entre o estudo sincrônico e o estudo diacrônico da língua. [valor: 0,50 ponto]
- Ilustre a diferença entre sincronia e diacronia com pelo menos um exemplo linguístico. [valor: 0,50 ponto]
- Na visão de Ferdinand de Saussure, qual das duas abordagens – sincrônica ou diacrônica – deveria ser privilegiada? Por quê? [valor: 0,50 ponto]

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*

Resolução da Questão 1 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA

NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*

É um truísmo que os jovens carecem de conhecimento histórico geral. Mas, na minha experiência, para muitos jovens, o passado se achatou em uma grande nebulosa indiferenciada. É por isso que, em uma carta aberta publicada recentemente na revista italiana "L'Espresso", aconselhei meu neto adolescente a exercitar sua memória aprendendo de cor um longo poema.

Eu temo que as gerações mais jovens de hoje corram o risco de perder o poder da memória, tanto a individual quanto a coletiva. Pesquisas revelaram os tipos de enganos que persistem entre jovens ostensivamente educados: por exemplo, li que muitos universitários italianos acreditam que Aldo Moro foi líder da organização militante Brigadas Vermelhas, quando na verdade ele foi primeiro-ministro da Itália e as Brigadas Vermelhas foram responsáveis por sua morte em 1978.

Escrevi a carta para meu neto em dezembro, mais ou menos na época em que um certo vídeo se tornou viral no YouTube. Era um episódio de "L'Eredità", um programa de perguntas e respostas da TV italiana que parece escolher os concorrentes com base na boa aparência e na simpatia natural, além de um módico conhecimento geral.

Em um episódio, o anfitrião, Carlo Conti, pediu que os concorrentes identificassem o ano em que Adolf Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha. As quatro opções de respostas eram: 1933, 1948, 1964 ou 1979. Os quatro concorrentes que tiveram a oportunidade de responder foram: Ilaria, uma jovem muito bonita; Matteo, um homem forte de cerca de 30 anos, cabeça raspada e corrente no pescoço; Tiziana, uma jovem atraente que também parecia ter cerca de 30 anos; e outra garota chamada Caterina, que usava óculos e tinha um ar de sabe-tudo.

Deveria ser universalmente conhecido que Hitler morreu no fim da Segunda Guerra Mundial, por isso obviamente a resposta só poderia ser 1933 – sendo as outras datas avançadas demais. Mas Ilaria respondeu 1948, Matteo 1964 e Tiziana 1979. Quando chegou a vez de Caterina, ela foi obrigada a escolher 1933, mas fingiu incerteza ao fazê-lo, fosse por ironia ou por surpresa.

Mas esse momento foi o início de um problema maior: os quatro concorrentes, que tinham todos aproximadamente de 20 a 30 anos e que podemos supor fossem bastante representativos de sua faixa etária, viram as quatro datas como parte de um passado genérico que ocorreu antes de eles nascerem. Quem sabe se não tivessem caído na mesma armadilha se uma das opções de resposta fosse 1492?

Será possível que nossos quatro candidatos não soubessem distinguir entre o período em que Hitler entrou em cena e aquele em que o homem fez o primeiro pouso na lua? Será que para alguns (ou mesmo muitos) jovens de hoje o conceito de história é unidimensional?

Ainda tenho esperanças, porque soube desse vídeo no YouTube por meu neto de 13 anos e seus colegas de escola, que riram e zombaram quando me contaram a respeito. Talvez alguns jovens estejam aprendendo o valor da memória, afinal.

Umberto Eco. Internet: <<http://noticias.uol.com.br>>.

Faça uma análise do texto acima e redija um texto dissertativo em que sejam respondidas as seguintes perguntas.

- Qual é a tese defendida pelo autor? [valor: 0,50 ponto]
- Que argumentos o autor utiliza para comprovar sua tese? [valor: 0,50 ponto]
- Como Eco conclui o texto? [valor: 0,50 ponto]

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*

Resolução da Questão 2 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*

Como iniciadores dos descobrimentos marítimos, os portugueses tiveram um grande papel no Renascimento. As viagens ao largo da costa africana exigiam numerosos aperfeiçoamentos, adaptações e invenções técnicas. O astrolábio, instrumento utilizado pelos astrólogos, foi adaptado à determinação das longitudes no alto mar. O conhecimento dos ventos e das correntes marítimas contribuiu muito para a determinação da rota que permitiu dobrar o Cabo da Boa Esperança. As embarcações utilizadas na navegação à vista da costa tiveram de ser modificadas para as longas viagens através dos oceanos.

Antonio José Saraiva e Óscar Lopes. *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Porto Editora, 1990, p.189 (com adaptações).

E disse: “Ó gente ousada, mais que quantas
no mundo cometeram grandes cousas,
tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
e por trabalhos vãos nunca repousas,
pois os vedados términos quebrantas
e navegar meus longos mares ousas,
que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
nunca arados de estranho ou próprio lenho;”

“Pois vens ver os segredos escondidos
da natureza e do húmido elemento,
a nenhum grande humano concedidos
de nobre ou de imortal merecimento,
ouve os danos de mim que apercebidos
estão a teu sobejo atrevimento,
por todo o largo mar e pela terra
que inda hás-de subjugar com dura guerra.”

Luis Vaz de Camões. *Os Lusíadas*. “Canto V”.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 196.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa. *Mensagem*. Rio de
Janeiro: Nova Aguilar, 1966. p.88.

Com base na leitura dos textos acima, redija um texto dissertativo discutindo, necessariamente, os seguintes pontos.

- A expressão do mundo dos descobrimentos na epopeia camoniana **Os Lusíadas**. [valor: 0,75 ponto]
- A releitura feita por Fernando Pessoa da poesia renascentista em que se registrou a expansão mercantilista de Portugal. [valor: 0,75 ponto]

Resolução da Questão 3 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Questão 4

<<T0700241_1523_141089>>

A *mimesis*, se ainda cabe insistir, não é imitação porque não se confunde com o que a alimenta. A matéria que provoca a sua forma discursiva aí se deposita como um significado, apreensível pela semelhança que mostra com uma situação externa conhecida pelo ouvinte ou receptor, o qual será substituído por outro desde que a *mimesis* continue a ser significante perante um novo quadro histórico, que então lhe emprestará outro significado.

Luiz Costa Lima. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 45 (com adaptações).

Considerando que o trecho acima tem caráter unicamente motivador, discorra sobre verdade (realidade) e ficção no texto literário. [valor: 1,50 ponto]

Resolução da Questão 4 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!

The first music that humans made was song. All music arrived, the early Hindus believed, through the *yoni*, or birth canal, of Vedic chants. The Abrahamic religions also based their music on the chanted word, often equating instruments with pagan frivolity. From the earliest known praise songs of the Sumerian king Culgi of Ur, 3,000 years ago, singing voices have celebrated, seduced and bound tribes together.

Yet this obvious truth cannot be proven. Until recording technology arrived, hard evidence was limited to images of open mouths on walls and pots, and medieval singing manuals. Luckily, this has not stopped musicologists from trying to sketch out a history of singing. In their book entitled *A History of Singing*, John Potter, a singer formerly with the Hilliard Ensemble, and Neil Sorrel, a composer and expert in Asian music, approach this challenge with brio.

So, even though their work was meant for the expert, it is equally accessible to the amateur alto. Who knew, for example, that *bel canto*, an Italian opera term, came to define European classical singing mainly because the open vowels of Italian were easier to sing than French or German? Or that the virtuosic soprano of the castrato was due to his artificially small and flexible larynx, combined with supersized lungs?

However, today's singers sound nothing like those gone by. By the mid-19th century, the anatomy of the vocal tract was well understood, and singers responded by dropping the larynx to achieve a voice of greater strength and colour. The book dwells rather too long on the Western classical tradition, and gives short shrift to popular forms like jazz, blues and hip-hop. But the authors' passion shines through in asides on everything from Bollywood to Egypt and Mongolia, and especially in Mr Sorrell's descriptions of Hindu ragas, which reflect Indian mathematical genius through the elaboration of a few notes into dazzling patterns.

To sum up, two main ideas emerge from the book. One is the absurdity of thinking of music as a "universal language". Singing is culturally defined; what one group finds pleasing another will find unlistenable. The second thesis is more surprising. For most of history, song has been an improvisational, creative act. Composers' and conductors' "ownership of the music", enshrined in written scores, is recent and perhaps short-lived. Opera, the grandest form of singing in the 19th century, has long since died as the "living engine of vocal creativity", the authors conclude.

Thus, in the 21st century, thanks to jazz, singer-songwriters and teenagers recording covers of their favourite songs with digital technology, humans may be returning to a mode of individual creativity that is the essence of singing.

The Economist, 26/7/2014, p.70 (com adaptações).

Com base no texto acima, redija, em português, um resumo das ideias nele apresentadas [valor: 0,50 ponto]. Em seu texto, indique, necessariamente, o significado que as palavras ou expressões listadas abaixo assumem no texto.

- Yet; [valor: 0,20 ponto]
- So; [valor: 0,20 ponto]
- However; [valor: 0,20 ponto]
- To sum up; [valor: 0,20 ponto]
- Thus. [valor: 0,20 ponto]

Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!

Resolução da Questão 5 – Texto definitivo

PARA USO EXCLUSIVO DO CHEFE DE SALA
 NÃO HÁ TEXTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

*Não utilize este espaço
em nenhuma hipótese!*